

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo.

v 11, n. 2

OS SABERES CONSTRUÍDOS PELAS MULHERES RURAIS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: Um estudo de representações sociais

Alexsandra Maria de Siqueira¹

Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa²

RESUMO

O artigo analisa as representações sociais de mulheres rurais sobre os saberes que esses sujeitos construíram nos movimentos sociais do município de Afogados da Ingazeira -PE. O referencial teórico discute os conceitos de Movimentos Sociais, Desenvolvimento Local e Representações Sociais. A metodologia de análise está baseada na Teoria das Representações Sociais, que possibilitou compreender o processo e o produto das representações, que foram categorizados em: comunicação; autonomia/poder; e criatividade. Conclui-se que, os saberes desenvolvidos pelas mulheres nos movimentos sociais ampliaram a sua compreensão de mundo, de vida, de sociedade e das relações entre os sujeitos sociais, contribuindo para a autonomia das mulheres agricultoras rurais e para o

¹ Mestre em Extensão rural e desenvolvimento local-POSMEX pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Especialista em Agricultura familiar e Educação do campo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É Economista doméstica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente é Vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX),

desenvolvimento local, no que corresponde à cidadania, ao bem-estar e à melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: Organizações de mulheres. Organização da sociedade civil. Desenvolvimento Local.

KNOWLEDGE BUILT BY WOMEN IN RURAL SOCIAL MOVEMENTS: a social representations study

ABSTRACT

The article analyzes the social representations of rural women on the knowledges that these subjects built in the social movements of the municipality of Afogados da Ingazeira-PE. The theoretical framework discusses the concepts of Social Movements, Local Development and Social Representations. The analysis methodology is based on the Theory of Social Representations, which enabled us to understand the process and the product of the representations which were categorized into: communication; autonomy / power; and creativity. We conclude that the knowledges developed by women in social movements expanded their understanding of the world, of life, of society and of the relations between social subjects, contributing to the empowerment of rural women farmers and to local development, the corresponding citizenship, welfare and improvement of the quality of life.

Keywords: Rural Women. Social Movements. Local Development.

LOS SABERES CONSTRUÍDOS POR LAS MUJERES RURALES EN LOS MOVIMIENTOS SOCIALES: un estudio de representaciones sociales

RESUMEN

El artículo analiza las representaciones sociales de las mujeres rurales sobre los saberes que estos sujetos construyeron en los movimientos sociales del municipio de Afogados da Ingazeira-PE. El referencial teórico discute los conceptos de Movimientos Sociales, Desarrollo Local y Representaciones Sociales. La metodología de análisis está basada en la Teoría de las Representaciones Sociales, que permitió comprender el proceso y el producto de las representaciones, que fueron categorizadas en: comunicación; Autonomía / poder; Y creatividad. Se concluye que los saberes desarrollados por las mujeres en los movimientos sociales han ampliado su comprensión del mundo, de la vida, de la sociedad y de las relaciones entre los sujetos sociales, contribuyendo a la autonomía de las mujeres agricultoras rurales y al desarrollo local, La ciudadanía, el bienestar y la mejora de la calidad de vida.

Palabras clave: Organizaciones de mujeres. Organización de la sociedad civil. Desarrollo Local.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado dos estudos acerca dos saberes/conhecimentos construídos pelas mulheres rurais nos movimentos sociais que integravam/integram a região do Pajeú, especificamente no município de Afogados da Ingazeira-PE.

Tratar de saberes, de conhecimentos, implica tratar, também, dos diferentes processos educativos que se localizam dos diversos espaços sociais. Sem desconsiderar os processos educativos formais e suas múltiplas importâncias, este trabalho destaca aqueles processos que se desenvolvem para além da escola, ou seja, nas instituições sociais como sindicatos, associações, famílias, cooperativas, etc. Nesses espaços sociais os sujeitos constroem saberes a partir das suas experiências, das suas organizações e da interlocução com sujeitos de outras

instituições, a fim de assegurar o atendimento às suas necessidades. Nessa perspectiva, os saberes vão se construindo nos confrontos sociais e políticos e se fortalecendo como instrumentos na conquista da participação e da cidadania.

Desse modo, os saberes construídos pelas mulheres rurais traduzem os conteúdos e as formas das ideias e das crenças que elas discutiram, objetivaram e compartilharam nos movimentos sociais. Contudo, esses saberes são representados socialmente e de diversas maneiras, e essas representações se configuram como uma forma de conhecimento social. Assim, essas representações sociais contribuem para a compreensão da realidade e para a reconstrução dessa realidade tornando-a comum para o conjunto das agricultoras e dos agricultores da região estudada.

Durante o processo investigativo foi possível observar que no seu cotidiano, as mulheres rurais, ao mesmo tempo em que estavam envolvidas em ações nos movimentos sociais, também estavam em grupos produtivos ligados a uma rede conhecida como Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú - RMPP. Esse envolvimento conduziu à pesquisa, que objetivou analisar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos a partir da sua inserção nos movimentos sociais localizados no município de Afogados da Ingazeira-PE, e como esses saberes promovem/promoveram mudanças nas vidas desses sujeitos sociais e das localidades as quais pertencem.

A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú - RMPP, é uma associação de direito privado sem fins lucrativos que teve seu início no ano de 2005 e, até o ano de 2014 era composta por 28 grupos. Trata-se de uma organização gerida pelas mulheres com a pretensão de minimizar a pobreza das mulheres rurais e urbanas da referida região. Uma das bandeiras da RMPP é a agroecologia e a construção de uma economia solidária, para assegurar uma vida mais justa e sem exclusões.

O cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa se desenvolve em Afogados da Ingazeira, município que integra a mesorregião do estado de Pernambuco, a uma distância de 386 km da capital pernambucana.

Para apreender as representações sociais dos sujeitos da pesquisa, utilizou-

se como aporte teórico-metodológico, a *Teoria das Representações Sociais* – TRS, pois, importou considerar as memórias das mulheres rurais pesquisadas, os seus casos e fatos marcantes, destacadamente, os saberes produzidos por elas na caminhada junto aos movimentos sociais. Nesse sentido, a TRS corrobora com a preocupação sobre a produção dos saberes sociais, porém não de qualquer saber, mas dos saberes que foram produzidos no dia a dia das mulheres, e que pertencem ao mundo vivido.

Em sintonia com as metodologias utilizadas na pesquisa qualitativa por meio da qual se trabalha com opiniões, representações, posicionamentos, atitudes, etc., foram realizadas as seguintes técnicas: observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupo focal. Tanto as entrevistas como o grupo focal tiveram como participantes, mulheres rurais que fazem parte da RMPP, mas, especificamente nos debruçamos sobre as falas das mulheres rurais que residem no município de Afogados da Ingazeira. No processo da observação participante, foi utilizado o diário de campo para registrar as informações relevantes ao objeto da pesquisa, como os hábitos e as práticas sociais dos sujeitos pesquisados.

Para acessar as representações sociais, foi constituída uma amostra de sujeitos, assim categorizados: Mulheres rurais com maior tempo de participação na RMPP; Mulheres rurais com menor tempo de participação na RMPP e; Mulheres rurais que saíram da RMPP. Essas mulheres, residentes do município de Afogados da Ingazeira-PE, pertencem a três grupos produtivos da RMPP denominados de: Retalhos do Pajeú, da comunidade de Curral Velho; Raízes do Campo, da comunidade de Queimadas; e Xique-Xique, da comunidade de Monte Alegre. Desse modo, foram entrevistadas 10 (dez) mulheres rurais, com idade mínima de 32 e máxima de 61 anos, e o grupo focal foi composto por 8 (oito) participantes, também dos grupos produtivos mencionados.

Para registrar as falas das mulheres nos resultados e nas discussões foram utilizados nomes fictícios, a partir de termos citados por elas ao se auto identificarem como: *empoderada*, sabida, guerreira, transformada, corajosa, solidária, fortalecida, participativa, articulada e comunicativa.

As representações sociais sobre os saberes elaborados no cotidiano dos movimentos sociais, foram organizadas em três categorias: a) saberes aprimorados pela comunicação; b) saberes da construção da autonomia/poder; c) saberes da criatividade. Essas categorias e suas análises serão evidenciadas mais adiante, na seção dos resultados e discussão deste trabalho.

1. Os Movimentos Sociais e a importância para as mulheres da RMPP

Na atual conjuntura de mundo globalizado, os movimentos sociais podem ser compreendidos como, tradicionais ou novos movimentos. Esses movimentos, geralmente são contextualizados em torno das transformações ocorridas na economia, na amplitude dos mercados, e pelas modificações nas formas de organização da produção. Situando-se na perspectiva de novos movimentos de Melucci (2001), o movimento ou ação coletiva comporta o sentido de inter-relação, de cooperação entre as pessoas que estão interligadas, conectadas em torno de determinado foco de interesses e oportunidades mútuas.

Importa compreender sobre o papel social e as características dos movimentos sociais contemporâneos, em especial os que revelam as mulheres rurais, como é o caso da RMPP. No entanto, essa compreensão exige o resgate dos fundamentos que embasam a trajetória desses movimentos.

Na corrente marxista, o movimento social era visto como sinônimo de movimento operário. Mas, a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, houve uma renovação teórica, analisando, por exemplo, movimentos reivindicatórios de bens, de melhorias coletivas, de camponeses, dentre tantos outros fora das camadas operárias. Já a corrente americana surgiu no contexto histórico de uma sociedade marcada pela ideia de reformas e progresso, tendo a orientação de promover a reforma social de uma sociedade convulsionada em direção ao que se entende como seu verdadeiro caminho, de harmonia e estabilidade. A corrente europeia se assemelha à americana, mas diferencia-se por não centralizar suas análises nos

sujeitos, fundamentando sua estrutura analítica, especialmente, pela ideia de uma identidade coletiva (GOHN, 2011).

No decorrer do século XX, de acordo com Castells (2000), novas abordagens teóricas sobre os movimentos sociais surgiram, em uma conjuntura intelectual de críticas aos modelos tradicionais. O autor ressalta que se perdeu o poder explicativo dos movimentos tradicionais, e as ações coletivas agenciadas pelos novos movimentos sociais vieram a preencher esse espaço. Em síntese, esses modelos de movimentos sociais tradicionais, já não se identificam com os modelos da atualidade, que correspondem ao da multiplicidade dos sujeitos e suas pluralidades reivindicatórias. Para Gohn (2011), as ideias centrais dos novos movimentos devem situar-se em uma sociedade pós-industrial, pós-moderna e reflexiva.

A partir desses pressupostos críticos, autores como, Melucci (2001) e Castells (2000), passaram a investigar os movimentos sociais, à luz de esquemas interpretativos que enfocavam a cultura, a ideologia, as lutas do cotidiano, a solidariedade entre os grupos e a constituição de identidades coletivas, concorrendo para um novo enfoque teórico de interpretação dos movimentos sociais.

As novas teorias sobre os movimentos sociais vêm tentando compreendê-los a partir dos sujeitos, das estruturas, da ideia de autonomia, ou da sua dependência. Dessa forma, procuram focar os movimentos sociais numa nova orientação teórica, por entendem que as características dos novos movimentos sociais apontam para a necessidade de captarem a nova dinâmica destes movimentos e dos novos sujeitos.

Para se referir às articulações dos fenômenos coletivos, Melucci (2001), prefere falar em redes de movimentos. No entendimento do autor, a noção de rede reflete melhor a forma de ser e de se expressar dos movimentos, ou seja, é uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana, que exige das pessoas envolvimento e solidariedade na experimentação e na prática da inovação cultural. Nessa direção, Portugal (2014), afirma que a expressão “rede”, tem na atualidade uma popularidade crescente. A ideia de redes permite extrapolar a exigência de delimitação do raio de ação dos sujeitos sociais e esses passam a existir como protagonistas que, naquele determinado contexto de interesses e oportunidades,

estão conectados.

As redes de movimentos emergem e vão além da ação de grupos, organizações e cadeias informais. De acordo com Melucci (2001), as ações em redes ampliam os horizontes dos sujeitos sociais envolvidos. A partir dos vínculos sociais, as redes de movimentos desenvolvem seus processos de mobilizações em espaços locais ou regionais, e, de forma articulada, buscam impacto, visibilidade numa esfera pública ampliada, desenvolvendo estratégias e propostas programadas em torno de suas demandas, conectando os espaços locais aos espaços mais amplos. Isso significa afirmar que diante da diversidade dos sujeitos sociais, já não é mais possível falar de um movimento social sem considerar sua articulação numa rede de movimentos.

Os sujeitos sociais pesquisados produziam em grupos isolados em suas comunidades e com o passar do tempo sentiram a necessidade de se articular com outros grupos da região com o intuito de trocar experiências, melhorar a produção e ampliar a visibilidade para divulgação dos produtos, formando uma rede. Na sociedade, estamos integrados num determinado contexto social e fazemos parte de um conjunto de redes como: a família, a escola, o trabalho, etc. As mulheres da RMPP, nas suas entrevistas, afirmam que, se estivessem em grupos isolados e não estivessem em rede não teriam a produtividade e a visibilidade que hoje elas conquistaram na região.

Os movimentos sociais em redes caracterizam-se por articular a heterogeneidade de diversos sujeitos sociais e compreendem vários níveis organizacionais, que vão desde agrupamentos de base às organizações de mediação e espaços mais amplos como os de fóruns e redes políticas de articulação.

A participação das mulheres na RMPP não só solidificou a cooperação e interligação dos membros locais para um objetivo comum, como também, contribuiu para o empoderamento desses sujeitos influenciando no capital social, que segundo Bourdieu (2008), é um conjunto de normas sociais que intensifica a confiança e a qualidade nas relações interpessoais. Neste sentido, o capital social tornou-se um

instrumento eficiente para a promoção do desenvolvimento local, a partir da atuação dos sujeitos que o integram, e que buscam melhorias para o local onde vivem, passando a evidenciar essa importância de ajuda mútua e solidária.

As participantes da RMPP, em sua maioria, revelam que antes de participar de grupos produtivos, eram donas de casa e sobreviviam do roçado. Com o apoio da Casa da Mulher do Nordeste, Organização Não-Governamental (ONG), que atua na região do Pajeú, junto às instituições parceiras como, Diaconia, Centro Sabiá, Grupo Mulher Maravilha, IPA (Instituto Agrônomo de Pernambuco), etc., aos poucos as mulheres foram sendo convidadas a participar de encontros, reuniões, cursos e capacitações. Esses encontros favoreciam a produção de artesanatos a partir dos potenciais locais, buscando valorizar e dar visibilidade ao conhecimento e as capacidades das agricultoras e suas formas de inserção na organização do trabalho da agricultura familiar, além de construir coletivamente caminhos para superação das situações de desigualdade.

Ao estreitar as distâncias entre os saberes nos movimentos sociais com os saberes e realidades locais de sujeitos da agricultura familiar, as formações se enobrecem com as dinâmicas culturais, produtivas e sociais do local. Os sujeitos aprendem na interação, no diálogo, na vivência, enfim uns com os outros.

Importa ressaltar, que a RMPP é um movimento construído no âmbito do desenvolvimento local, no qual as participantes ocupam-se desde a mobilização de recursos à aprovação de projetos, sendo estas responsáveis por sua gestão e desenvolvimento.

2. A RMPP e suas contribuições para o Desenvolvimento Local

Ao se pensar em desenvolvimento, é comum reportar-se a uma estratégia para o crescimento econômico de uma organização ou de um lugar. Porém, a noção de desenvolvimento local não está associada exclusivamente ao aspecto

econômico, mas, deve ser compreendida como um processo multidimensional, envolvendo a comunidade impregnada de história, suas relações com instituições e sua capacidade de conduzir seu próprio destino. Esse desenvolvimento deve ser econômico e social, e garantir a melhoria da qualidade de vida a partir do potencial local de forma integral.

É nesse sentido que se compreende o desenvolvimento local, no qual as mulheres da RMPP produzem, partindo do potencial local, e, se articulam para acessar políticas públicas de diversas áreas do segmento produtivo e da agricultura familiar, como: artesanato, beneficiamento de frutas, viveiro de mudas, criação de animais de pequeno porte, etc.

Segundo Buarque (2002) o desenvolvimento local parte de um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população. Para o autor, as iniciativas endógenas demandam normalmente um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade. Nessa direção, Oliveira (2001), entende que essa perspectiva local do desenvolvimento corresponde às noções como as de desenvolvimento humano, cidadania, bem-estar e qualidade de vida. Para o autor, “o desenvolvimento local é uma noção polissêmica e necessariamente comporta tantas quantas sejam as dimensões em que se exerce a cidadania” (OLIVEIRA, 2001, p. 2).

O desenvolvimento local, portanto, é entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições da sociedade local, com o objetivo de superarem as dificuldades e contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade.

A partir desse contexto sobre desenvolvimento local, é possível compreender que o mesmo, está vinculado ao processo de utilização e valorização de capacidades endógenas, ou seja, da participação de sujeitos sociais do local. Nessa direção, a fim de catalisar as potencialidades locais, um dos princípios da RMPP é fortalecer a organização produtiva das mulheres, contribuindo para sua autonomia econômica e política. Nessa perspectiva, a definição de capital social se destaca a

partir de recursos, como, reciprocidade, cooperação e solidariedade. Para Coleman (2001) a ideia de capital social deve ser concebida como um bem público, uma vez que está ligado diretamente às relações entre indivíduos. Para esse autor, o capital social, se define por sua função e constitui um tipo particular de recurso à disposição do sujeito social. Putnam (2005), também aborda o capital social a partir de características da organização social, como por exemplo, redes, normas e confiança, que facilitam a cooperação e a coordenação em benefício mútuo.

E, é nesse enfoque de colaboração mútua, de conexão dos sujeitos sociais aliados à atitudes de confiança, reciprocidade, cooperação e práticas comunicativas que as mulheres da RMPP se fortalecem e transformam suas realidades. Nesse sentido, o capital social funcionou como mola propulsora do desenvolvimento da RMPP, visto que, a união dos sujeitos sociais da rede proporciona melhoria na qualidade de vida, contribuindo com o desenvolvimento local.

No processo investigativo, as mulheres da RMPP revelaram simbologias e significados a partir das suas representações sociais, traduzindo suas vidas antes e depois da participação em movimentos sociais, destacando várias mudanças, não só na melhoria da estrutura econômica, pessoal e familiar, como também, no empoderamento e participação em espaços políticos e sociais. Os saberes dos sujeitos pesquisados sendo valorizados provoca a promoção da ingenuidade para a criticidade, ou seja, do saber do senso comum ao desenvolvimento da curiosidade crítica (FREIRE, 2011).

Dessa forma, as representações sociais das mulheres sobre os saberes vêm sendo formadas na interação com os movimentos sociais, tendo em vista que as representações são mutáveis, dependendo do tempo histórico em que esses sujeitos sociais estejam inseridos.

Finalmente, com o propósito de se compreender a realidade das mulheres da RMPP, perguntamos: quem são essas mulheres? O que pensam? O que percebem? O que desejam? Assim, foi necessário conhecer, seus anseios, suas subjetividades e as condições que levaram esses sujeitos sociais a se unirem, além das proximidades da vizinhança nas comunidades, e que pelas mais diversas razões,

construíram uma organização, tornando-se perceptíveis e reconhecidas pelo que produzem em rede colaborando com o desenvolvimento das localidades das quais fazem parte.

3. As Representações Sociais e a Construção dos Saberes das Mulheres da RMPP

O campo de estudo conhecido como Teoria das Representações Sociais (TRS), que visa através de conceitos, métodos e técnicas próprias fornecer o referencial que possibilite tornar as representações sociais visíveis e compreensíveis em formas de prática social, foi primeiramente apresentada, como tal, por Serge Moscovici, em sua obra “La Psicanalyse: Son image et son public”, em 1961, na tentativa de dar conta de uma psicologia que se libertasse do paradigma individualista e coletivista. Para esse autor, representar uma coisa é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, criam a impressão de realidade. (MOSCOVICI, 2012, p.46). Dessa perspectiva, surgem os estudos produzidos por diversos pesquisadores, entre eles, os estudos de Jodelet (2001, p. 22), para quem o conceito de representação social é:

Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, essa forma de conhecimento é diferenciada entre outras do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

Como já informado, para acessar as representações sociais das mulheres rurais da RMPP sobre os saberes que construíram, enquanto participantes de movimentos sociais utilizou-se a observação participante, a entrevista semiestruturada e o grupo focal. De acordo com Brandão (2006), a observação

participante, permite a apreensão da sabedoria popular, ampliando o conhecimento sobre a realidade local onde se deseja pesquisar. Nos estudos das representações sociais, segundo Spink (1995), as entrevistas semiestruturadas devem ser longas, uma vez que, importa compreender o contexto social e histórico dos grupos estudados. E o grupo focal, potente meio de interação, debate e reflexão, propicia compreender os sujeitos sociais a partir do exercício da fala e da escuta. Para Gatti (2005), ao propiciar a exposição ampla de ideias e perspectivas, o grupo focal, permite o surgimento de respostas mais completas e possibilita verificar a lógica ou as representações que conduzem as respostas, que com outros meios, poderiam ser difíceis de identificar. Ainda para a autora, o grupo focal é uma técnica ideal para se entender atitudes, preferências, necessidades, sentimentos e ideias dos sujeitos acerca de um determinado tema.

As mulheres rurais da RMPP ao participarem de movimentos sociais, ao realizarem viagens de intercâmbios e ao se integrarem em diversas práticas cotidianas, estão elaborando suas próprias representações sociais sobre os saberes que construíram/constroem, baseados nas interações com outros sujeitos presentes nos mesmos espaços, contudo, ao partilharem uma representação social, influenciam nas representações dos outros sujeitos e vice-versa, transformando as visões de mundo. É através da comunicação que os indivíduos se reúnem, e, afortunadamente, que algo passa do individual para se tornar social.

As representações sociais objetivam “transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar” (MOSCOVICI, 2012, p.78). Tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo, é o intuito das representações sociais. Esse processo transformador é determinado pelas linguagens, imagens e ideias compartilhadas por um dado grupo. As mulheres rurais da RMPP revelaram durante as entrevistas e o grupo focal, que antes de participarem de movimentos sociais tinham medo de falar em público, tremiam, ficavam pálidas, com vergonha etc. Quando perguntou-se, o porquê disso, uma delas respondeu: *“Acho que era um medo pela forma que fomos criadas, e também era um medo de falar sobre o que a gente não sabia, como a gente não participava, então, a gente não tinha o conhecimento”* (Guerreira, do Xique-xique). Entende-se que as representações

criadas são sempre o resultado de um esforço constante de tornar próximo algo não familiar. No caso dos sujeitos pesquisados, o falar em público era algo incomum, ou retratava para as agricultoras um sentimento de não familiaridade.

No entanto, com o aumento da frequência das mulheres rurais da RMPP nos movimentos sociais, nas diversas reuniões, o exercício contínuo de falar em público foi se tornando algo comum, e o que estava longe, tornou-se alcançável, o que era incomum, tornou-se corriqueiro, familiar. *“Hoje a gente participa mais, a gente fala mais, perdemos o medo. Como a gente participa muito, temos o domínio melhor das coisas”* (Solidária, do Xique-xique). Com a participação nos movimentos sociais, as mulheres ressignificaram os saberes sobre a comunicação e a socialização o que as ajudou a superar o problema do medo e da timidez, *“Antes eu morria de medo de falar, ficava branca igual a um papel”* (Guerreira, do Xique-xique). *“Eu parecia um bicho do mato”* (Transformada, do Xique-xique). Elas apreenderam os novos conhecimentos, os ajustaram às suas realidades e os representaram no que foi possível e aceitável, fazendo de uma prática de grupo, uma prática social.

Moscovici (2012) entende que as representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos e cognitivos se ajustam. Cada experiência seria somada a certa realidade predeterminada por convenções, pela familiaridade. De acordo com esse autor, enquanto as representações, compartilhadas por tantas pessoas, influenciam a mente de cada uma delas, não são apenas pensadas por esses indivíduos, mas sim repensadas, representadas. *“Elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações”* (MOSCOVICI, 2012, p.37). A transformação dos saberes leva a uma mudança de valores que, conseqüentemente, irá influenciar nos relacionamentos sociais, na forma como o sujeito se percebe no mundo e com o outro. O que era certo para a geração anterior, por exemplo, pode não o ser para a geração atual.

As representações sociais são dinâmicas, explicativas, abarcando aspectos culturais, cognitivos e valorativos, possuindo dimensão histórica e transformadora. Visto que, as representações sociais podem ser instáveis, e que seu processo de

construção tem como princípio transformar o que é desconhecido, não familiar, ou até ameaçador, em algo familiar, íntimo, ou ainda, comum, Moscovici (2012, p.69) salienta que as representações sociais originam-se de dois processos formadores, a ancoragem e a objetivação:

A ancoragem e a objetivação são maneiras de lidar com a memória, sendo que a primeira mantém a memória em movimento, rotulando objetos, pessoas e fatos que entram e saem; A segunda tira os conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior, para efetuar coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

A ancoragem é a integração cognitiva do objeto representado (ideias, relações, pessoas, fatos, etc.) a um sistema de pensamento social já existente. Ela transforma algo desconhecido em um sistema particular de categorias, fazendo com que o objeto adquira características desta categoria. De acordo com as falas das mulheres, sujeitos sociais desta pesquisa, durante as discussões no grupo focal, ao serem indagadas sobre o que seria *Conhecimento*, surgiram respostas como: “É o único bem que ninguém toma”, “Saberes que transformam”, “É aprender e saber valer”, “Conjunto de informações” etc. Por outro lado, a objetivação é a materialização da palavra, é dar forma ou figura específica a um conceito abstrato. Moscovici (2012, p.40) afirma que “somos compelidos a criar equivalentes, formas não verbais para as palavras”. Assim, as palavras que puderem ser representadas são integradas a um núcleo figurativo, que se define por um complexo de imagens que reproduz um complexo de ideias, e uma vez que a sociedade adota este núcleo figurativo, ou paradigma, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser a ele associada (MOSCOVICI, 2012). No caso do termo “*Rural*”, espaço onde vivem as mulheres da pesquisa, foram associados, por elas, termos como “*Agricultura*”, “*Roçado*”, “*Colheita*”, “*Lugar tranquilo*”, entre outras imagens que deram forma específica à ideia do *Rural*, e esta é uma das possibilidades oferecidas pelas representações sociais.

No processo investigativo, as representações sociais dos saberes proporcionados pelos movimentos sociais começaram a aparecer, ainda, nas observações e, mais tarde, nas entrevistas semiestruturadas e no grupo focal. No

início das análises, foi possível identificar como esses sujeitos sociais representavam socialmente os saberes que elaboraram nos movimentos sociais, a partir da verbalização de palavras como: *conhecimento, fortalecimento, empoderamento, aprendizagem, autonomia, criatividade, autoestima, transformação, independência, segurança, etc.* Essas palavras formaram um núcleo figurativo que segundo Moscovici (2012), pode ser considerado como uma imagem estrutural que reproduz de forma visível um arcabouço conceitual. Com esse recurso foi possível compreender a imagem estrutural que as mulheres representam sobre os saberes construídos nos referidos movimentos, ou seja, uma forma de conhecimento que fortalece a pessoa e o grupo, que lhes confere poder. Os saberes são aprendizagens que contribuem para a autonomia, para a criatividade, elevando a autoestima e, como consequência, gera segurança.

Partindo dessa imagem estrutural das representações sociais e dos meios utilizados para apreensão das informações, foram realizadas as análises por meio de categorizações das informações, facilitada pelos processos de ancoragem e objetivação.

As representações sociais têm como fundamento o indivíduo e os grupos sociais e, só podem ser construídas a partir dos mesmos, enquanto esses grupos vivenciam a tensão entre sua objetividade e subjetividade, experiência esta, contextualizada num determinado meio histórico e social. Para Moscovici (2012), a estrutura interna do pensar na sociedade é dividida em dois universos distintos, que não são opostos, mas possuem características próprias e se alimentam mutuamente em suas dimensões, são os universos consensual e reificado.

No universo reificado, a sociedade é transformada em sistema de entidades sólidas, que não possuem identidade e cujos membros ignoram as próprias criações sociais. O universo consensual "seria o das representações sociais, do senso comum, o universo dos amadores, curiosos, leigos que, através de práticas interativas cotidianas, compartilham ideias e interpretações do mundo" (MOSCOVICI, 2012, p.49-51), produzindo as suas próprias representações sociais.

O universo consensual, nesta pesquisa, foi identificado como as práticas

interativas desenvolvidas nos espaços onde as mulheres rurais constroem ou construíram suas representações sociais sobre os saberes, a partir das experiências cotidianas nos diversos espaços de interação que participam.

Importa esclarecer que, em certa medida, o universo consensual das mulheres rurais estudadas, alimentados pelos saberes que produziram nos movimentos sociais e em outros meios, pode trazer mudanças a esse mesmo universo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres rurais da RMPP definem os movimentos sociais como espaço de aprendizado coletivo e de luta, nos quais se constroem e se organizam saberes para transformação das suas práticas cotidianas: *“através dos movimentos sociais se ganha força, e a interação ajuda muito, só em se reunir com as outras mulheres se aprende. Uma vai dando ideia para a outra”* (Sabida/Xique-xique). Os movimentos sociais, como espaço da educação popular e das inovações das relações de poder, criam e recriam nestas mulheres rurais novas formas de estabelecer relações com a família, com a comunidade, e com os diversos espaços coletivos.

Quando as mulheres começaram a se organizar em coletivos, passaram a perceber que unidas, também podiam se desenvolver individualmente e se sentiram empoderadas. A participação em movimentos sociais tem incentivado as mulheres rurais a romper com a rígida divisão de papéis construídos socialmente e internalizados como o “lugar de mulher” (inferior) e “lugar de homem” (superior) predeterminados na família, nas comunidades e nos diversos espaços sociais. Os movimentos as estimularam as mulheres a ocuparem espaços na sociedade, a se comunicarem, como também, a fazerem parte do campo político: *“antes eu não tinha oportunidades, hoje, eu sou a presidente da associação da comunidade, com isso, ajudo muito as pessoas”* (Articulada / Retalhos do Pajeú). A partir da convivência com os sujeitos pesquisados, percebe-se a existência de um consenso entre as mulheres pesquisadas em relação à valorização pessoal e a melhoria na qualidade de vida, depois da sua inserção nos movimentos sociais. Essa valorização é

construída, principalmente, a partir dos saberes que as mulheres rurais passam a elaborar ao integrarem os movimentos sociais. Devido a sua dinamicidade, os movimentos requerem engajamento e ação, exigindo dos seus integrantes apropriação de questões como: políticas sociais, culturais e econômicas. Nesse processo as mulheres da RMPP constroem saberes individuais e coletivos, que as auxiliam a compreender as questões que determinam ser a sua vida como ela é e as possibilidades de transformação para a melhoria da sua vida e da coletividade.

Desse modo, este trabalho se ocupou de analisar como as mulheres rurais representam socialmente os saberes que foram construídos nos movimentos sociais e de compreender as influências dessas representações sociais para o desenvolvimento local, uma vez que é possível perceber o investimento no capital social desses sujeitos, a partir da convivência nestes espaços.

Em consonância com os conceitos que são trabalhados na TRS, foram elaboradas como resultados deste estudo, três categorias que agrupam as representações socialmente produzidas sobre os saberes construídos pelas mulheres rurais nos movimentos sociais, são eles: a) comunicação; b) autonomia/poder, e, c) criatividade.

Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela *comunicação* fazem referência às representações sociais das mulheres rurais que veem nas falas, nas discussões, e na interação com os outros sujeitos a construção de conhecimentos. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela *autonomia/poder* correspondem às representações sociais das pesquisadas que entendem o conhecimento como um instrumento para o empoderamento e para a transformação das relações de poder. Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente pela *criatividade* fazem alusão às representações sociais desses sujeitos sociais sobre as habilidades desenvolvidas/aprimoradas nos movimentos sociais.

a) Os saberes construídos nos movimentos sociais

representados socialmente *pela comunicação*.

Neste estudo, os sujeitos sociais entendem que os saberes são representados socialmente pela *comunicação*, quando o conhecimento é construído através das interações entre os sujeitos, nas relações de trocas de experiências nos movimentos sociais e na evolução desses conhecimentos. Nas entrevistas, algumas mulheres revelaram que no início da participação nos movimentos sociais morriam de medo de falar em público, ficavam inibidas, não gostavam de falar nas reuniões, não participavam das discussões porque se sentiam constrangidas: *“eu tinha vontade de sair correndo, de fugir da reunião só para não ter que falar. Muitas vezes eu tinha raiva de mim porque eu queria participar, mas, o medo era maior”* (Guerreira / Xique-xique).

As mulheres da RMPP ao compreenderem a importância do comunicar-se, perceberam que era necessário interagir ativamente nos movimentos sociais para superar o medo de falar em público, com isso, buscaram informações, discutiram sobre o que não compreendiam.

Nesse sentido, é possível reconhecer a importância da comunicação para a familiarização com os saberes sobre as questões que emergiram nos movimentos, assim como a familiaridade com as estratégias para que essa comunicação acontecesse. Assim, ao elaborar saberes, as mulheres construíram competências de “saber falar” para comunicarem-se. Nessa representação social dos saberes enquanto comunicação, a superação se deu a partir da necessidade de interação social e da participação facilitadas pelo movimento social e objetivado, através da *comunicação*. Portanto, entende-se que a presença constante nos espaços coletivos, nos momentos de discussões, reuniões e trocas de saberes, possibilitou a formação do universo consensual das pesquisadas e a familiarização foi objetivada a partir da necessidade do *comunicar-se*.

Os saberes representados socialmente pela comunicação geraram comportamentos transformadores. Essa mudança no comportamento das mulheres, lembra o que revela Moscovici (2012, p. 51), sobre o pensar-comunicar “o pensar

torna-se uma atividade ruidosa, pública, que só se satisfaz na necessidade da comunicação”.

Com isso se pode inferir que a comunicação, enquanto instrumento de conhecimento, favoreceu a elaboração de novos saberes, transformando as visões das mulheres rurais da RMPP acerca das suas realidades: “*os movimentos começaram a abrir os nossos olhos para que se pudesse lutar por nossos direitos*” (Comunicativa / Retalhos do Pajeú). Ao representarem saberes como instrumentos de comunicação, as mulheres pesquisadas sentem-se mais fortalecidas na luta pela conquista de direitos.

A comunicação estruturada com base nos saberes que construíram nos encontros/eventos, proporcionados pelos movimentos sociais, possibilitou às mulheres a capacidade de incorporar ideias de igualdade social e de se fazer ouvir, em questões como a divisão das responsabilidades e as tomadas de decisões em função das necessidades delas, das famílias e das comunidades.

Sendo assim, enquanto os movimentos sociais estimularem aos seus participantes a troca de saberes de forma dialógica proporcionará a esses sujeitos a capacidade de confiarem uns nos outros e a se solidarizarem de modo a contribuir para a constituição de redes de interação, elementos que sustentam o capital social e atestam o compromisso com o desenvolvimento local.

b) Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente *pela Autonomia/poder.*

Os saberes construídos e identificados como *autonomia/poder* se associam aos saberes ligados à comunicação (categoria vista anteriormente), uma vez que ao comunicarem-se nos movimentos sociais os sujeitos criam novas relações sociais que proporcionam o saber-poder.

Com o envolvimento nas dinâmicas dos movimentos, as mulheres se sentem

fortalecidas, e em meio a trocas de experiências e saberes com as outras companheiras, começam a reagir diante das construções sociais impostas, que ainda realçam a submissão. Unidas pelas relações que constroem nesses espaços coletivos, elas passam a reconhecerem-se como detentoras de um potencial humano e se *empoderam* com o saber-poder, constroem novos hábitos, buscam informações, discutem formas de desenvolver a comunidade, e ao representarem socialmente esse novo saber, passam a assumir posições determinantes dentro dos movimentos.

As pesquisadas revelaram que depois de vivenciarem as dinâmicas dos movimentos, elas se libertaram das amarras da invisibilidade e auxiliaram/auxiliam outras mulheres a fazer o mesmo. Essa perspectiva reconhece o papel ativo que esses sujeitos sociais desenvolvem nos movimentos sociais a partir de ações que possam contribuir para o “empoderamento”, como por exemplo, os conhecimentos elaborados pelas mulheres diante de políticas públicas, preocupadas com a cidadania e o fortalecimento das mulheres rurais. A importância desse *saber/poder* é revelada no comentário da entrevistada identificada como Articulada do grupo Retalhos do Pajeú: *“quando recebo informações sobre como acessar políticas públicas, certos direitos que muitos nem sabem que têm, eu escuto e repasso para meu povo e para comunidade”*. Percebe-se que ao construírem saberes sobre políticas públicas, gestão das políticas e outros saberes, as mulheres evidenciam um saber/poder que contribui para a autonomia e autoestima, além de fortalecer os laços solidários e de confiança com os familiares e com a comunidade, atestando o compromisso com o desenvolvimento da localidade.

Empoderadas com esse saber, não mais incomum, elas desnaturalizaram as construções sociais que diferiam homens e mulheres, no sentido da igualdade de direitos e deveres, e desfizeram conceitos antes culturalmente construídos nos processos sociais de dominação e exclusão, que ainda insistem em permear as relações sociais. Em sintonia com essa perspectiva, está a fala da entrevistada *Participativa*, do grupo Raízes do Campo: *“eu não me sentia dona de mim, tudo era os outros que decidiam por mim. Hoje eu descobri que tenho meu valor, sou mais forte, mais determinada, tenho minha autonomia”*.

Nas dinâmicas das ações coletivas, ao mobilizar as forças ativas a partir dos saberes representados socialmente pela *autonomia/poder*, potencializa-se o capital social dos sujeitos, proporcionando instrumentos para a transformação de si mesmo, do grupo e das comunidades às quais pertencem. O último depoimento corrobora com o pensamento de Freire (2002), quando esse autor diz que é a partir da reflexão sobre o contexto social e suas relações, com o comprometimento nas decisões, que os sujeitos sociais se constroem e constroem a si mesmos, e se fazem sujeitos autônomos.

Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente como autonomia/poder podem ser compreendidos como, instrumentos de fortalecimento individual e coletivo, que anima a autoestima e promove a valorização social, igualdade de direitos, e melhoria na qualidade de vida das mulheres. A transformação de pensamentos é refletida nas práticas sociais para si mesmo e para a comunidade local, o que amplia as possibilidades associativas e a solidariedade.

c) Os saberes construídos nos movimentos sociais representados socialmente *pela Criatividade*.

O saber representado socialmente como *criatividade* revela-se nas habilidades e nos aprimoramentos desenvolvidos pelas mulheres da RMPP junto às participações nos movimentos sociais. Esse saber se relaciona com os saberes citados nos itens anteriores, e surgem quando os sujeitos elaboram e aprimoram o saber-criar.

O saber criativo das mulheres da RMPP é processado a partir de matérias primas que elas encontram na comunidade local, por exemplo, com o barro elaboram painéis, transformam retalhos em colchas de fuxicos e produzem polpas e doces através do beneficiamento de frutas extraídas dos plantios da agricultura familiar, ou seja, dos recursos endógenos criam e recriam produtos rentáveis através do potencial artesanal dos grupos. Com isso, infere-se que os saberes representados socialmente são ancorados pelo saber-criar a partir dos elementos

estruturados pelo “conteúdo”, pela “prática”, pelo “fazer contínuo”, pela “competência”, indicando, a representação social do saber, construído enquanto habilidade e/ou aprimoramento. A descrição das participantes da RMPP sobre a representação social do saber construído como criatividade mostra que representar socialmente um objeto, é um processo ativo e dinâmico e é sustentado tanto por conhecimentos oriundos da experiência cotidiana, como pelas apropriações de significados historicamente consolidados.

A capacidade das mulheres da RMPP em desenvolver suas habilidades a partir dos saberes na produção, aprimorados pelos saberes enquanto conteúdos e competências, revelam como elas se aproximam e representam socialmente a criatividade. Os conteúdos diversos que são repassados nas dinâmicas da RMPP para aprimorar e validar as ideias, que são incorporadas por elas ao processo criativo, também são o diferencial, para a mulher rural autodenominada de *Corajosa*, do grupo xique-xique: *“Depois das oficinas ficamos mais práticas, porque aprendemos sobre geração de renda, custos, comercialização, design de produtos”*. De acordo com as pesquisadas, o processo do saber fazer, saber criar, ou aprimorar os produtos, só foi possível quando foram estimuladas pela variedade de conhecimentos e informações que receberam nas oficinas de aprendizagem. O saber criar se desenvolveu a partir das ideias, dos conhecimentos e das habilidades.

Entende-se que a união desses elementos fez com que a criatividade ocorresse com fluidez, e, assim, direcionasse os saberes para a produção dos diversos artefatos que são produzidos e comercializados pela RMPP.

As mulheres da RMPP se apropriaram dos saberes acerca de temas variados nos movimentos sociais, ampliaram esses saberes e os representaram socialmente enquanto habilidades, através de potenciais locais, agregando valor a sua capacidade criativa.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho se ocupou de analisar como as mulheres rurais da RMPP representam socialmente os saberes construídos nos movimentos sociais. Para isso, buscou-se identificar essas representações durante a sua participação na RMPP, além de compreender as influências dessas representações sociais sobre as suas vidas, as vidas das diversas famílias e dos grupos coletivos, além de reconhecer a contribuição que as representações sociais dos saberes elaborados pelas mulheres da RMPP imprimiram ao desenvolvimento local.

Os resultados obtidos revelaram as representações sociais dos saberes enquanto *comunicação, autonomia/poder e criatividade*. A participação constante nos movimentos sociais proporcionou saberes que estimularam nas pesquisadas a melhoria na comunicação, contribuíram para o empoderamento e para o aprimoramento das habilidades, além de haver propiciado um melhor convívio com as pessoas, a efetivação de laços de amizade, momentos de lazer e solidariedade, colaborando, ainda, para a melhoria da autoestima e bem-estar social. O que permite compreender o quanto a produção de saberes diversos constitui e reforça a identidade dos grupos, reconstituem o pensamento e estes influem em suas práticas sociais.

Os saberes socialmente representados, construídos ou aprimorados, durante as participações das mulheres rurais em movimentos sociais, precisam ser compartilhados para além dos espaços coletivos aos quais pertencem, fazendo-se necessário acolhê-los na esfera acadêmica, pois, se entende que ao estreitar a relação entre saberes não-formais e os conhecimentos formais é possível trocar experiências diversas e inovadoras que favoreçam a construção de novos saberes. Nessa perspectiva, se faz necessário a ampliação dos espaços de socialização desses saberes visando a valorização e o reconhecimento das mulheres rurais.

Diante do exposto, as mulheres rurais da RMPP, se apropriaram da produção coletiva nos movimentos sociais, e nestas relações, construíram e ressignificaram saberes, acerca de diversos temas e os representaram socialmente socializando-os e ampliando-os. Esses saberes, ainda, contribuíram/contribuem para o desenvolvimento local, pois, entende-se que essa perspectiva corresponde às

noções do desenvolvimento da solidariedade, da confiança como as de desenvolvimento humano, da cidadania para o bem-estar, da produção que gera emprego e renda, e melhoria na qualidade de vida dos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Maria Corrêa. Campinas: Papyrus, 2008.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 2000.
- COLEMAN, James. **Fundamentos da teoria social**. Cambridge, Massachusetz: Harvard University Press, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 21ª Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- JODELET, D. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. In JODELET, D. As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. 9.ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012
- OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo, Polis, FGV, 2001.
- PORTUGAL, Sílvia. **Famílias e redes sociais: Ligações fortes na produção de bem-estar**. Edições Almedina, Coimbra: 2014.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 2005.

SPINK M.J.P. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais** In: Guareschi P, Jovchelochi S, organizadores. **Textos em Representações Sociais**. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1995.